

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal do Brasil

Class.:

Data:

06.04.85

Pg.:

Índio waimiri escapou da chacina em 1949 e trabalha hoje na Funai

Manaus — Há 35 anos, um pequeno índio waimiri, de 7/8 anos, acompanhava seu pai, o grande cacique Marewa, numa coleta de ovos de tartaruga às margens do Rio Alalaú, entre o Amazonas e Roraima. Era março de 1949, e Marewa liderava índios de várias comunidades na excursão.

Foram todos chacinados — 72, segundo notícias da época — por caçadores de jacaré. Todos — ou quase todos, porque o pequeno waimiri, que herdaria a grande nação indígena, sobreviveu ao massacre, (por ser a única criança no grupo foi poupado) e vive hoje na reserva waimiri/atroari, casado com uma mulata carioca, Iracema, e pai de dois filhos.

Antonio Talka foi descoberto pelo Professor Paulo Montes, da Universidade do Amazonas, que há duas semanas, com um grupo de professores e alunos da FUA que pesquisam uso de plantas regionais no tratamento de doenças tropicais, visitaram a reserva.

Levado a Manaus, Talka contou que não foi o único sobrevivente do massacre. Seu pai também escapou, vindo a morrer anos mais tarde. Mas, embora fosse uma criança, Talka se lembra do encontro com os brancos, à margem do Rio Alalaú. Em várias canoas, os visitantes, armados de espingardas mas muito gentis, ofertaram bolachas, panelas, adornos e espelhos aos índios. Em troca, receberam as armas dos waimiris. Até um cachorro os brancos deram de presente aos índios, o que levou o cacique Marewa a definir como "mau sinal", lembra Antonio Talka.

A noite, os brancos atiraram. A gente de Marewa corria em todas as direções e "muito índio morreu". Talka foi feito refém e vagou com seus captores muito tempo pela mata. Conta que seu pensamento era, o tempo todo, ter arco e flecha para matar aqueles homens — e fugir, por que naquela mata "não me perderia".

Um mês após o massacre, o pequeno índio foi levado a Manaus pelos chacinadores e encaminhado a uma delegacia. Tentou fugir, mas não conseguiu. Através de uma intérprete, Cândida Carvalho, do então Serviço de Proteção aos Índios, tentaram fazê-lo falar. Inútil. Ele não quis. Esta semana reencontrou-se com Cândida, agora com 63 anos, e a conversa foi demorada e cheia de emoções.

Há 35 anos, Rocha Vianna, chefe do SPI no Amazonas, transferido para o Rio, trouxe consigo o pequeno índio. Com ajuda de D. Ilca Vianna, mulher do funcionário do SPI, Antonio Talka, foi estudar em um patronato do Ministério da Agricultura. Serviu ao Exército e veio a conhecer Iracema, com quem viveu 10 anos, casando-se em novembro de 1983. Os filhos, Coraci e Ionara, receberam esses nomes de D. Ilca, a quem trata como segunda mãe.

Mas o sonho de voltar à sua terra nunca morreu. "Tenho honra de ser índio, vou morrer índio, e digo para meus filhos que eles são meio índio, meio branco e que devem ter orgulho disso" — diz Talka.

Com a amizade do Coronel do Exército Edson Marcondi Vieira, Antonio foi para Brasília e empregou-se na Funai. Daí, foi um pulo voltar à sua tribo, como auxiliar de serviço da Funai, no Posto Indígena de Abonari, onde sua única preocupação é a criação de escolas na reserva, para que os índios sejam "mais inteligentes" e possam "segurar a terra que é nossa".

Não sabem que a hidrelétrica de Balbina vai inundar parte de sua reserva, não conhecem histórias de massacres nem questionam por que a Mineradora Paranapanema foi instalada na reserva: acham bom, porque o pessoal "dá bolas, comidas e roupas de presente para os índios".